

## EU, MULHER NEGRA À PROCURA DE UMA IMAGEM<sup>1</sup>

Sildênia Santos<sup>2</sup>

Ceição Ferreira<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

57

**Resumo:** O presente trabalho discorre sobre os processos de criação e realização do curta universitário “À procura de uma imagem” (2020), que apresenta a perspectiva de uma mulher negra ao refletir sobre sua representação em produções audiovisuais, da infância à fase adulta, questionando alguns estereótipos comumente atribuídos a mulheres negras.

**Palavras-chave:** Cinema. Mulheres negras. Audiovisual. Representatividade.

### Resumo expandido

O curta “À procura de uma imagem” (figura 1) surgiu da reflexão sobre o que é ser uma mulher negra e como é sua representação em produções audiovisuais comerciais. Tudo isso do ponto de vista de uma criança negra que cresceu não se vendo nas telas e que agora, mais madura questiona a forma como são construídas as personagens femininas negras, suas histórias, vivências e desejos.

Figura 1 – Sildênia hoje e outrora

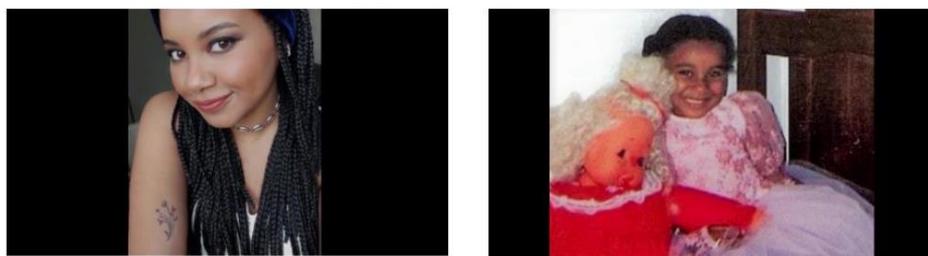


Figura 1 – Frames do curta “À procura de uma imagem” (2020)

Usando found footage (regime estético de apropriação de imagens existentes), o vídeo em questão foi realizado em grupo, como uma espécie de carta sobre o tema de “Raça e Representação”, da disciplina “História do Cinema 2”, no segundo semestre de 2020. Trata-se de uma reflexão, na qual a partir do meu olhar, alguns filmes, séries e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à 11ª SAU UEG e 1º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: [sildenia18@gmail.com](mailto:sildenia18@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, desenvolvido na disciplina História do Cinema 1. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: [conceicao.silva@ueg.br](mailto:conceicao.silva@ueg.br)

novelas são rememorados, revistos em um exercício prático de leitura crítica, que atenta-se para as relações de poder traduzidas no cinema e para o sentido político da representação (HOOKS, 2019; STAM, 2003).

Articulada a uma narração em off, a seleção de imagens buscou mostrar como mulheres negras eram e ainda são representadas a partir do que eu consumia. A primeira personagem com a qual me identifiquei foi Pata (interpretada pela atriz Aretha Oliveira) na novela “Chiquititas”, a única menina negra de um orfanato, o que contraria toda a lógica do sistema, já que é sabido que crianças negras são maioria na fila de adoção. Também cito as séries “Dawson's Creek” e “Smallville”, que não possuíam personagens negras de destaque; filmes como “A nova Cinderela”, no qual papel dado a uma mulher negra é a de mãezona. Porém, eu queria ser a princesa e não a fada madrinha; há ainda as personagens negras somente limitadas à função de amigas da coadjuvante como em “Crossroads” e “As Patricinhas de Beverly Hills”; e também muitas vezes as mulheres negras estão ausentes.

Me recorro de personagens que viviam situações semelhantes às minhas e assim vi algumas de minhas fragilidades na tela, como em “Girls” e “Frances Ha”, mas mesmo assim não se tratava do ponto de vista de mulheres negras.

O texto elaborado e narrado é um ponto de vista que revela o meu lugar de fala, a minha experiência de vida, por meio da qual questiono representações de mulheres negras em filmes como “Estrelas além do tempo” e “Histórias Cruzadas”, nos quais mulheres negras são humilhadas e mesmo com grandes trajetórias ainda são retratadas sofrendo e lutando contra o racismo. Entretanto, também encontro aspectos em comum com a história de minha avó, que trabalhava na casa dos outros e em vez de cuidar de seus filhos, cuidava dos filhos dos outros; e a história da minha mãe, que foi a primeira a se formar na família e que teve a vida transformada pela educação, mas nesse percurso enfrentou situações dolorosas. Tais narrativas são válidas e inspiradoras, mas sempre realçam a dor, a luta por superação.

Eu queria me ver além dessas lentes, queria me ver na tela vivendo situações cotidianas, como uma jovem mulher negra com lindas tranças vivendo o término de um

relacionamento, trabalhando em algo que gosta até conseguir trabalhar com aquilo que ama como em “A incrível Jessica James”; ou a jornada de uma mulher negra que brincava com barbies na infância, alisava os cabelos e que acaba fazendo uma transição capilar, aceitando a beleza do seu cabelo natural como a protagonista de “Felicidade por um fio”; ou ainda me ver em “Insecure” por meio da Issa, que está seguindo seu caminho, errando, mudando a rota, tendo uma melhor amiga, a Molly, que não é uma mera coadjuvante, ela é complexa, que passa por diversas situações e no meio de tantas coisas também é uma mulher negra, mas não circunscrita a essa condição.

Quando questionada sobre a importância da representatividade, a atriz Viola Davis responde enfaticamente: “Porque as pessoas precisam ver a manifestação física dos seus sonhos!”. Em consonância, Bell Hooks (2019, p.240) defende que “[...] ao olharmos e nos vermos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro”; e acrescenta ainda:

[...] que todas as tentativas de reprimir o nosso direito — das pessoas negras — de olhar produziram em nós um desejo avassalador de ver, um anseio rebelde, um olhar opoitor. Ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: ‘Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade’” (HOOKS, 2019, p.2019).

Portanto, é fundamental respeitar e reforçar a existência do olhar da mulher negra que foi e ainda é objetificada, silenciada e desumanizada; entender que sua experiência é singular. Dessa forma, é evidenciando e envolvendo mulheres negras no processo de criação audiovisual que possibilitamos a emergência de novas representações, pensando passado, presente e futuro. Há uma necessidade de se construir novas narrativas para mulheres negras, mas também muito a ser desconstruído, há muito a ser dito para além da dor, do racismo.

### Referências Bibliográficas

HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 108-119.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Papyrus Editora, 2003.